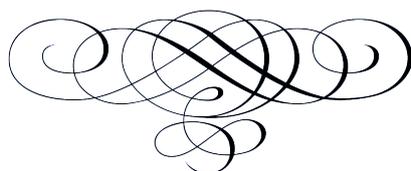


PRÓLOGO



Reino de Württemberg, 1871

O INDUSTRIAL DO RAMO DO AÇO, Wolfgang Thiessen, tinha dinheiro e poder — e muito dos dois. Tinha também quatro paixões que o moviam como as reluzentes locomotivas que agora cruzavam as cidades alemãs, de quem cuidava com esmero quase obsessivo e vigiava com olhos de águia: uma siderúrgica que crescia monstruosamente e três filhas.

Criaturas de fácil operação, suas usinas demandavam algum manejo, mas respondiam a comandos e floresciam em uma sociedade cada vez mais industrial. Sua preocupação com elas era pouca: os tempos favoreciam o aço.

O tempo, no entanto, não favorecia suas filhas.

Ele olhou pela janela da confortável mansão com vistas para a Friedrichstrasse, no centro de Stuttgart, e lembrou que mais uma temporada havia se passado e Charlotte, Emma e Arabella seguiam solteiras. Não era comum começar o dia preocupado com elas, mas elas estavam se tornando um aborrecimento vago, daqueles que não se resolvem nem desaparecem sozinhos. Com vinte e quatro, vinte e dois e vinte e um anos, respectivamente, esperava-se que já estivessem encaminhadas. Essa era a ordem do mundo: mulheres casavam-se cedo, ponto. A solteirice era um fracasso pessoal e Herr¹ Thiessen não era dado a fracassos.

O industrial trouxe o punho às vistas, tentando fechar a abotoadura enquanto pensava na diferença entre siderúrgicas e mulheres. A diferença era absurdamente simples: com um tipo ele sabia lidar, com o outro, não. Seu valete pediu permissão para ajudá-lo e ele estendeu o braço, vendo o jovem enfiar o botão trabalhado na casinha de bordas costuradas. Indústrias alteravam sociedades, costumes, hierarquias. Embora ele conseguisse ver o horizonte de possibilidades que elas permitiriam ao mundo, ele não tinha ideia — ou vaga competência — para entender as complicadíssimas demandas femininas.

Na rua, carruagens cruzavam para lá e para cá no ritmo da modernidade, sob o céu sem cor de inverno. O gramado costumeiramente verde estava pálido da geada, e resquícios de neve acumulavam-se rentes às sebes bem aparadas.

Seu valete havia acabado de ajeitar a manga do casaco sobre o punho quando Frau² Herta irrompeu no cômodo. Ela ofegava, as bochechas vermelhas pelo esforço da subida apressada até o segundo andar.

— Trouxe a correspondência, Senhor — A senhora de cabelos brancos e aspecto rechonchudo resfolegou. A pequena bandeja com as correspondências tremia em sua mão.

Embora a residência dos Thiessen contasse com uma dezena de empregados, entre eles um garoto de recados, a governanta, parte da família há duas décadas, fazia questão de acumular funções — e não deixar que ninguém se esquecesse disso.

— Esse não é o seu trabalho, Frau Herta, e a senhora sabe.

— Devido à urgência da mensagem, decidi trazê-la eu mesma — ela respondeu em tom de decisão, praticamente encostando a bandeja no cotovelo do patrão. — O mensageiro está lá fora, aguardando a resposta.

Os olhos cansados do homem encontraram os do valete, que se retirou. Herr Thiessen pegou o envelope e o girou entre os dedos.

— O que é isso?

— Este é o brasão da casa de Württemberg — ela falou, tomando o convite de suas mãos. — Importa-se se eu abrir?

A governanta quebrou o lacre sob os olhos entediados do homem e retirou do envelope um cartão retangular. Ela ia arregalando os olhos à medida que corria as vistas pelo papel.

— *Lieber Gott*.³ Acabamos de ser convidados para um baile em Solitude, a residência oficial dos Württemberg-Winental. — Herr Thiessen mal teve tempo de expressar reação. — Ao que parece, fomos convidados a toque de caixa. O baile é amanhã!

Bailes evocavam em Herr Thiessen a mesma excitação que registros contábeis e balancetes financeiros. Mentira, balancetes e registros eram mais interessantes. No entanto, depois do desastre de ter três mulheres e nenhum filho para substituí-lo na administração dos negócios, tudo que lhe restava eram bailes. Eram nesses eventos tediosíssimos que suas filhas circulavam pelos mais altos níveis sociais, e relacionavam-se com pessoas distintas. Felizmente ou infelizmente, a nobreza adorava bailes. Embora *nobres* não estivessem entre as coisas que Herr Thiessen considerasse distintas.

Nos últimos tempos, alguns amigos do clube de cavalheiros haviam casado suas filhas com nobres endividados, mas o industrial via esses arranjos com desconfiança. As meninas herdavam o título e alguma duvidosa influência junto ao rei, mas traziam para casa a indolência crônica e a mente mofada da nobreza. Muitos dos condes e barões a quem os amigos agora chamavam de genros tinham mais dívidas que interesse nos negócios, e a palavra trabalho, tão cara para ele, soava aos preguiçosos como palavrão. Indústrias inteiras haviam ruído nas mãos de genros abobalhados, e fortunas se perderem por falta de gerenciamento. Contudo, admitindo ele ou não, aquelas criaturas ociosas ainda tinham os melhores relacionamentos.

— Mande confirmar nossa presença — o homem respondeu, conferindo as horas no relógio de bolso. — A senhora irá como acompanhante das meninas.

— *Confirmar?* — Frau Herta perguntou, horrorizada.

O homem parou com o relógio na mão, sem entender a expressão apavorada da governanta. Bailes não eram coisas boas? Só havia uma pessoa ali que desejava mais o casamento das meninas do que ele próprio: Frau Herta. Desde que a mãe delas morrera, décadas atrás, Frau Herta havia assumido a missão de criá-las, educá-las e discipliná-las com o firme objetivo de colocá-las no verdadeiro caminho feminino: o do matrimônio.

Até o momento, caso não estivesse enganado — e Herr Thiessen jamais estava —, a casa funcionava como uma máquina alemã e suas três filhas, como engrenagens bem endentadas de um mecanismo lubrificado. E, embora soubesse que mulheres e aço reagissem de formas distintas, o fabril daquela casa havia produzido moças prontas para o casamento, e bailes, via de regra, era onde tudo começava.

A governanta andou até a janela e apontou para o mensageiro que aguardava do lado de fora:

— Herr Thiessen, por que acha que os Württemberg estão dando um baile?

— Não faço ideia dos objetivos de um baile, Frau Herta. Não oferecemos muitos nos últimos anos. Mas assumo que descobriremos quando estivermos lá — o empresário respondeu. Havia rumores de uma greve iminente, seu principal convertedor estava dando sinais de falha e seu gerente geral estava em viagem de negócios. Uma junta de advogados o aguardava para uma reunião para a qual já estava atrasado, e mesmo assim — mesmo com o caos que o esperava — ele preferiria estar na fábrica do que ali, falando sobre festas.

Frau Herta arregalou os olhinhos azuis e sussurrou como se trocasse confidências:

— Estão dando um baile para que o duque finalmente escolha uma esposa!

— Esposas de nobres não são escolhidas em bailes — o homem desmereceu a ideia. — Elas são escolhidas em reuniões de negócio.

A governanta balançou a cabeça que não, como se Herr Thiessen não estivesse entendendo a gravidade da situação. Atravessando o quarto com passos duros, ela parou ao lado da escrivaninha e começou a procurar algo entre os jornais empilhados.

— Por que nos convidariam? — Frau Herta perguntou de costas para ele.

— Por que temos três jovens solteiras em casa?

— Desespero — ela respondeu à própria pergunta. — O senhor tem *três* filhas.

Herr Thiessen suspirou. Enquanto via a governanta procurar alguma coisa entre a desorganização, tentava lembrar-se do que ouvira recentemente no clube de cavalheiros. Alguém havia mencionado algo sobre o duque, mas como o assunto não tinha relevância para os negócios, ele não deu importância. Agora, refletindo melhor, perguntava-se: qual seria a verdadeira intenção do convite? Nobres eram esnobes, arrogantes e tão enrijecidos que chegava a cair pó de seus ouvidos. Seus bailes eram exclusivos e costumavam ignorar a elite surgida da indústria.

— Se ao menos eu conseguisse achar o jornal! — a mulher resmungou.

— Que jornal?

— O *Württembergisches Blatt*^A! Tenho certeza que li algo a respeito do duque.

Antes que Herr Thiessen pudesse bater o martelo sobre a ida — recusar convites era ruim para os negócios — Frau Herta gritou:

— ACHEI!

Ela arrancou o jornal da pilha e começou a folheá-lo atrás da coluna. Parando ao lado da janela, deslizou as vistas até a pequena nota e dobrou o jornal, estendendo-o ao padrão.

A governanta aguardou que Herr Thiessen lesse a coluna, atenta às suas mudanças de expressão. A saudável tonalidade do rosto do homem transformou-se em lividez.

— A duquesa está desesperada — Frau Herta disse em um tom que misturava advertência e predição. — Eles já extinguiram as chances com todas as damas do reino. Provavelmente estão convidando as meninas porque desejam *novidade*.

— O que estão dizendo aqui sobre o duque é... *horrível*.

Frau Herta assentiu, a boca curvada para baixo como uma meia lua.

— Ele realmente levou um tiro no ... nos...?

A governanta fingiu ajeitar um vinco imaginário na saia rodada, fazendo que sim.

O industrial abaixou o jornal, e um silêncio pesado como chumbo caiu sobre o aposento. Aquilo poderia ser apenas uma nota maldosa em uma coluna mexeriqueira, mas dificilmente seria inventada.

— Pode não significar nada — ele coçou a testa. — Pode ser ruim para os negócios se...

— ... se um genro como aquele entrar para a família? — Frau Herta cogitou, sugestiva.

Herr Thiessen endireitou as costas. Não havia pensado na possibilidade de que uma de suas filhas pudesse, eventualmente, ser cortejada pelo anfitrião.

De súbito, a solteirice das filhas parou de incomodá-lo, e ele foi tomado por um sentimento brando de cautela.

— Entendo sua preocupação — o homem disse, ciente das implicações em aceitar o convite — ...porém, não podemos esquecer da relevância de um baile...

— ...para os negócios. — A governanta resmungou.

— Avise ao mensageiro que iremos, por favor.

Frau Herta assentiu a contragosto, e com uma mesura deixou o quarto.

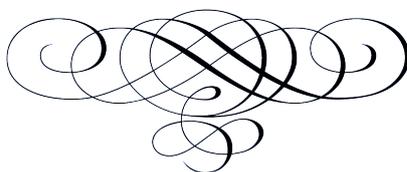
1 Pronome de tratamento: Senhor

2 Pronome de tratamento: Senhora

3 Meu Deus!

4 Algo como “A Folha de Württemberg”

CAPÍTULO 1



— Ela já subiu as escadas? — Arabella perguntou, fechando o livro que tinha nas mãos.

— Sim. Foi levar a correspondência para papai. — Emma desenrolou os mapas que tirou de debaixo do sofá e os estendeu sobre a mesinha de centro. — Temos pouco tempo.

Emma ergueu a saia e se sentou no chão, entre camadas e camadas de tecido. Tirou um lápis de dentro do caderninho e recomeçou o estudo do trajeto. Arabella enfiou a mão sob a poltrona e puxou um livro fino de encadernação colorida, folheando-o até encontrar o trecho marcado. Limpando a garganta, recomeçou a leitura de onde tinham interrompido no dia anterior:

— *“Trudy alisou os pelos negros das mãos do corsário, perguntando-se que tipo de poder o dorso de uma mão possuía. Aquela não era uma mão ordinária: era a mão mais masculina que já havia visto. Dedos longos de unhas bem feitas deslizavam pela pele melada de sal e suor, arrepiando os pelos claros de seu braço. Tudo o que Trudy*

conseguia pensar, quando não estava tentando se acalmar, era em como podia sentir-se ao mesmo tempo irritada e atraída pelos malditos dedos morenos, cujas falanges estavam cobertas por fios escuros e sedosos. Por Deus, ele era um pirata. Um tigre, uma criatura selvagem e sorrateira que se aproximava de donzelas para atacá-las. Uma vez atacadas, elas estariam perdidas."

Arabella baixou o livreto e olhou com a testa franzida para Emma. A irmã do meio, inclinada de maneira torta sobre o mapa incrustado de nomes exóticos, ergueu o rosto. As duas deslizaram juntas os olhos até a mais velha das três, Charlotte.

— *Tigre?* — Emma repetiu. Charlotte sequer subiu os olhos do bordado. Inabalável, continuou a transpassar a agulha pelo tecido preso ao bastidor, esticando lentamente a linha até a altura do queixo e voltando a mergulhá-la no tecido, com a paciência de uma santa. Aos poucos, a imagem de um pequeno colibri azul começava a se formar no linho estirado. — Como foi que a frase mais repetida por Frau Herta acabou parando na história?

Um discreto movimento no canto dos lábios era a única prova de que Charlotte as estava ouvindo. Um sorriso minúsculo para uma diabrura relativamente pequena.

— Para quem sabe ler, pingo é letra — Arabella alertou, voltando ao livreto nas mãos. — Isso aqui jamais pode cair nas mãos dela.

— Esse livro jamais poderá cair nas mãos de quem quer que seja — Emma a corrigiu.

— O livro não cairá nas mãos de ninguém. Vamos, continue — Charlotte pediu.

Arabella apoiou o livreto sobre o corpete, esparramada sobre o pequeno sofá de estofado adamascado e continuou, com voz baixa e firme:

— *"Uma trilha de pelos lisos e escuros descia pela barriga até o epicentro de sua virilidade. O caminho de aspecto sedoso desaparecia sob o umbigo, escondendo-se sob as bombachas. Trudy sentia as pernas amolecerem cada vez que as coxas do homem esbarravam nas dela. As muitas camadas de vestido mal escondiam o interesse do pirata. Um pensamento a fez congelar inteira: se ele a desejava, em breve tentaria despi-la. O pensamento seguinte agiu de modo contrário, agitando-a: ora, ela mesma desejava despir-se! Queria sentir a pele morena daquele homem em contato com a sua; sentir os ombros largos eclipsando a visão do teto do navio enquanto se movia sobre ela. Experimentar a sensação de sentir as mechas do cabelo escuro roçarem em seu rosto no ritmo das ondas..."*

— Uau — Arabella parou de ler para exclamar. — Gostei desse último parágrafo.

— Também gostei — Charlotte admitiu, guardando os romances azuis enquanto decidia a próxima cor.

— Só não entendi uma coisa. Como pode um corpo eclipsar a visão do teto do navio?

Inclinada sobre os mapas, Emma riu.

— Use a imaginação, querida.

Arabella olhou para o teto, pensativa. Então corou.

— Oh.

Arabella havia conseguido imaginar. Não era fácil visualizar as cenas quando não se sabia nada sobre o universo dos relacionamentos íntimos, um assunto geralmente mantido tão escondido, mas *tão* escondido, que nem mesmo aqueles em um relacionamento íntimo conseguiam visualizar. Mas com ajuda das leituras certas — e das erradas —, as imagens iam ficando mais detalhadas.

— Não sei se estou imaginando certo — Arabella falou com a boca escondida atrás do livro, uma edição mensal contrabandeada de uma tabacaria do centro. — *É assim que acontece?*

— Digamos que seja *uma* das formas de acontecer — Charlotte respondeu. — Mas sem a parte do sal na pele, do cheiro do porão e do "perfume de almíscar sobre a pele bronzeada".

— Bem, se uma donzela for sequestrada por um pirata, será assim que acontecerá — Emma olhou divertida para a irmã.

— Agora entendo por que quer desbravar o mundo, Emma — Arabella virou o livro para conferir a capa. — Para encontrar corsários de falanges cabeludas. Eles são realmente fascinantes.

— A culpa de minha fascinação é exclusivamente de Lady Malícia — Emma admitiu. — Por causa de suas histórias cheias de piratas, ciganos, aventureiros e exploradores de pele bronzeada, visitei mais lugares que imaginei visitar, e sonhei com mais cretinos morenos que uma dama deveria sonhar.

Charlotte ergueu os olhos do bordado e encarou a irmã. Emma sorriu de volta, voltando a estudar o mapa.

— Acha que encontrará pessoas assim em suas aventuras? — Arabella perguntou a Emma.

Emma estava para responder quando Charlotte disse primeiro: — Infelizmente não existem homens como nesses livros, querida. Só na literatura.

Emma fez que sim. Romances eram romances.

— É uma pena — Arabella passou o polegar sobre a imagem do corsário de cabelos escuros na capa. — Homens com dedos morenos definitivamente mexem com a minha imaginação. E o que dizer de peles douradas? Aliás, o que exatamente seria uma *pele dourada*? Sempre que leio isso, imagino papiros egípcios e homens pintados de ouro.

— Pense em uma pele banhada pelo sol durante todo o verão — Charlotte respondeu. — Imaginou? *Isso* é uma pele dourada.

Arabella pareceu ter gostado da imagem que surgiu na mente. Os espanhóis eram conhecidos por terem pele morena, assim como os italianos do sul, especialmente quando visitavam o mar.

— Por que todos os personagens de Lady Malícia são assim? — Arabella quis saber.

— Digamos que Lady Malícia tem um tipo de leitora em mente — Charlotte olhou para a irmã do meio. — E essa leitora prefere os morenos.

Emma sorriu. *Sim, essa leitora encantava-se com tudo que remetia a sol, saúde e vitalidade*, pensou, traçando um círculo ao redor de um minúsculo ponto do mapa. Principalmente quando essa leitora mal podia sair de casa.

— “Com olhos que fazem a mocinha desejar mergulhar na escuridão...?” — Arabella perguntou, sonhadora.

— É uma boa frase — Charlotte pousou o bastidor ao lado e tirou do bolso do vestido um pequeno lápis unido a um bloquinho. — Vou anotar.

— Sim, sim, sim! — Arabella ergueu animadamente o livro, adicionando: — “Olhos de uma escuridão absurda, como o oceano em noites sem lua...” Anote, Charlotte.

As irmãs pararam de rir ao ver que Emma não estava mais se divertindo. Ela havia paralisado na frente do mapa, e o olhava com a unha do mindinho entre os dentes.

Arabella deitou o livro sobre a barriga e perguntou: — O que foi, Emma?

— Não existem estradas de ferro na África — Emma suspirou, desanimada. — Não, pelo menos, para onde a expedição vai.

A troca de assunto foi tão abrupta que as irmãs demoraram para entender. Emma trouxe de volta à mesa o imenso mapa que mostrava os contornos do continente Africano e apontou para onde a expedição aportaria: — Não há malha ferroviária no país.

— Mas você já sabia disso, não? — Charlotte perguntou.

— O país está em expansão... Achei que tivessem trens por lá.

— Não muda o fato de que é a *África* — Arabella disse. — Em algum momento você teria que prosseguir de camelo.

— Não há camelos nessa parte da África — Emma disse, paciente.

— Mas há cavalos — Charlotte lembrou.

Emma fez uma careta de desânimo. Cavalos não estavam em seus planos.

Quando ouviu pela primeira vez, meses atrás, que o botânico Gerhard Barth havia sido convidado para compor uma expedição rumo ao continente Africano, Emma decidiu que partiria com eles. Exímia desenhista e calígrafa talentosa, ela poderia muito bem acompanhar a caravana tomando notas para os etnólogos e botânicos, e desenhando qualquer bicho, planta ou paisagem que surgisse no caminho.

Seu único impedimento era ela mesma. Ou melhor: a forma como os outros a viam. Por causa dos pulmões fracos e da inexplicável falta de ar, Emma fora criada em uma redoma, como uma flor vulnerável. Era impedida de realizar qualquer atividade que a forçasse além do necessário — como praticar exercícios — e, recentemente, os médicos pediram que considerassem a solteirice, já que ter filhos poderia matá-la. Emma sabia que ali, no reino, estava fadada a uma vida solitária e sem emoção, e seria obrigada a se contentar com atividades caseiras desinteressantes até a morte.

Há alguns meses, ela havia decidido que sua saúde a impediria de ter quase tudo que poderia desejar, mas não lhe roubaria a chance de ver o mundo. A decisão pela África foi inconsciente, mas não incompreensível. O continente Africano era um tipo de desafio quimérico, a forma simbólica de alcançar o inatingível. Ele tinha a resistência, a robustez e a vastidão que lhe faltavam, e, sozinho, incorporava tudo que ela precisava. Havia nascido em um corpo frágil, um vaso feito por um artesão relapso, mas seus sonhos eram nada menos que de aço. Um continente conhecido por sua força atraía sua alma forte, e ela contava que seu corpo fraco a levasse até lá.

Ela só precisava achar um modo de ser aceita na expedição. Seu primeiro contato com o Sr. Barth não dera em nada — ele sequer a olhou duas vezes quando ela o

abordou no parque botânico de Stuttgart. No entanto, quando a viagem foi marcada para o fim do verão, e seu trajeto, definido, Emma precisou agir. Ignorando algumas regras e burlando outras, escreveu para o Sr. Barth e enviou alguns de seus desenhos, assinando-os como *E. Thiessen*.

Emma havia estudado cada trecho daquela viagem. Sabia que subiriam até Hamburgo e de lá zarpariam de navio até o assentamento. Ela só não contava que milhões de pequenas dificuldades acumulariam-se junto às grandes. *Ser mulher* fazia parte das grandes; *não saber montar*, das pequenas. Emma passou as mãos pelo rosto, adicionando mais um entrave à ida. *Montar*, ela escreveu no pequeno caderno de bolso, no fim de uma lista que parecia infinita. Em algum momento da expedição ela precisaria prosseguir a cavalo.

— Posso continuar? — Arabella perguntou, virando a página. — Mais cinco parágrafos e a história pega fogo. É sempre assim nas histórias de *Lady Malícia*.

— Preciso conversar pessoalmente com o Sr. Barth. — Emma ignorou a irmã, olhando para Charlotte. — Mas onde? Como abordá-lo?

— Acho que em breve terá a sua chance — Charlotte falou perpassando o fio verde pelo linho branco.

— Por que diz isso?

Charlotte levou a linha até a boca e a partiu.

— O Sr. Barth é apenas um etnólogo, você não conseguirá nada abordando-o na rua. Precisamos descobrir quem são os verdadeiros financiadores da expedição — Charlotte deu um nó no verso do tecido, deixou o verde-floresta de lado e pegou outro carretel, de um verde mais claro.

— Ouvi dizer que há financiadores particulares entre a nobreza — Emma disse. — Ao que parece, ela está interessada em artigos raros para suas coleções.

— O interesse da nobreza é comercial — respondeu Charlotte. — Precisamos saber quem são os financiadores de Württemberg. São eles que podem abrir as portas para você.

— Faz sentido. Mas por que acha que terei em breve a chance de conversar com o Sr. Barth?

Charlotte inclinou o corpo para observar a rua através do vão entre as cortinas, onde um mensageiro aguardava atrás dos portões.

— Porque sabemos que em breve haverá um baile no reino, e aquele veículo pertence a uma casa ducal.

Ela apontou para fora, onde uma carruagem preta aguardava na frente do portão trabalhado. Arabella sentou-se para ver por entre a fresta da cortina, enquanto Emma encarava Charlotte. De súbito, as chances de descobrir quem era o financiador da expedição pareceram maiores.

— Você acha que...

Emma não conseguiu completar a frase. A tábuca solta do último degrau da escada rangeu, denunciando a aproximação de Frau Herta.

— Meninas? — A voz da governanta as colocou em ação.

O livro caiu das mãos de Arabella, que, em um movimento ágil, chutou-o para debaixo do móvel. Emma terminou de enrolar os mapas e os enfiou sob o sofá bem no instante em que a governanta abriu a porta.

Frau Herta entrou na sala encontrando o clima de completa tranquilidade. Arabella, sentada castamente no sofá, folheava uma edição encadernada em capa dura. Emma inclinava-se sobre uma pesada bíblia apoiada na mesa de centro, enquanto Charlotte terminava tranquilamente a cauda do pássaro que havia começado a bordar naquela manhã.

— Como vão os estudos? — A governanta perguntou ao entrar.

Arabella largou *Os Sofrimentos do Jovem Werther* e ergueu os braços, espreguiçando-se: — Amo Goethe. Poderia lê-lo o dia inteiro.

Frau Herta cruzou os braços na frente do vestido e fez uma carranca ao ver que Emma estava sentada no chão.

— Levante-se do tapete pelo amor de Deus, Emma. Quer pegar um resfriado?

Emma apoiou-se na mesinha e se levantou, ajeitando a saia de modo que a barra tapasse os rolos enrolados sob o sofá.

— Arrumem-se — A governanta mandou, visivelmente emburrada. — Vocês foram convidadas para um baile. Precisamos providenciar vestidos apropriados.

{Fim da Amostra}

Para comprar Lady Audácia, clique aqui: <https://amzn.to/2WNM017>